

CIBERPOEMAS E LEITURA EM CAPPARELLI.COM.BR

Renata Gonçalves Gomes[i]
Alice Atsuko Matsuda[ii]

RESUMO

A literatura, como um processo de escrita e manifestação do indivíduo enquanto ser integrante de um contexto social, histórico e político, caminhou junto à evolução humana e passou dos registros rupestres, ao papiro, à prensa e, hoje, integra também o meio digital. Da mesma forma, a poesia chegou às mídias digitais, entre elas o computador, transformada pela união entre palavra, imagem e som, dando origem a ciberpoesia, capaz de instigar o olhar de descoberta para o leitor, principalmente, quando este é uma criança, estimulando seus sentidos e sensações. Por isso, a fim de analisar a ciberpoesia, em especial aquela que pode ser destinada a crianças, buscou-se no site de Sérgio Capparelli subsídio material para a conclusão desta atividade à luz de um vasto, porém não estanque, referencial teórico acerca da cibercultura. Dessa forma, o presente artigo objetiva discutir questões teóricas a respeito da literatura infantil, tendo como recorte os poemas digitais do site de Sérgio Capparelli. A metodologia empregada é a pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico, de caráter analítico-qualitativo para análise dos poemas, tendo como base os pressupostos teóricos sobre literatura digital, a partir de Hayles (2009), Lévy (2000), Santaella (2004, 2012a, 2014), Torres (2010); conceito de literatura Infantil e juvenil por meio de Hunt (2010); questões ligadas à teoria literária e à contemporaneidade por meio de estudiosos como Compagnon (2014), Berman (1986), Bauman (2001), Canclini (2003), entre outros. Leitura de poemas digitais pode auxiliar no letramento literário e digital. O site de Capparelli, por ser de fácil acesso por meio do computador e dos dispositivos móveis, constitui um objeto interessante de estudo.

Palavras-chave: Leitura; Leitor; Ciberpoesia; Sérgio Capparelli.

CYBERPOEMS AND READINGS ON CAPPARELLI.COM.BR

ABSTRACT

Literature, as a process of writing and the manifestation of the individual as an integral part of a social, historical, and political context walked along with human evolution from rupestrian records to papyrus to the press and today also integrates the digital medium. In the same way, poetry has reached digital media, including the computer, transformed by the union between word, image, and sound, turning into cyberpoetry. Especially when the reader comes to be a child, cyberpoetry instigates the gaze of discovery for the reader and stimulates the child's senses and sensations. Therefore, to analyze cyberpoetry, especially that for children, we made a research on Sérgio Capparelli's website to provide material for the conclusion of this activity in the light of a vast but not watertight theoretical framework about ciberculture. Thus, this article aims to discuss theoretical issues regarding children's literature, with the digital poems from Sérgio Capparelli's website. We used an exploratory kind of research with a bibliographic survey and an analytical-qualitative analysis of poems. This study is based on the theoretical assumptions about digital literature from Hayles (2009), Lévy (2000), Santaella (2004, 2012a, 2014), Torres (2010); the concept of children's and youth literature through Hunt (2010); issues related to literary theory and contemporaneity through scholars such as Compagnon (2014), Berman (1986), Bauman (2001), Canclini (2003), among others. Reading digital poems can assist in literary and digital literacy. Capparelli's website, being easily accessible through computers and mobile devices, is an interesting object of study.

Keywords: Reading; Reader; Cyberpoetry; Sergio Capparelli.



CIBERPOEMAS Y LECTURA EN CAPPARELLI.COM.BR

RESUMEN

La literatura, como un proceso de escritura y manifestación del individuo mientras es integrante de un contexto social, histórico y político, estuvo junto a la evolución humana y pasó de los registros rupestres, al papiro, a la prensa y, hoy, también integra el medio digital. De la misma manera que la poesía llegó a los medios digitales, incluida la computadora, transformada por la unión entre la palabra, la imagen y el sonido, dando lugar a la ciberpoesía, capaz de provocar la mirada de descubrimiento para el lector, especialmente cuando el lector es un niño, estimulando sus sentidos y sensaciones. Por esta razón, para analizar la ciberpoesía, sobretudo la que puede estar dirigida a los niños, buscamos en el sitio electrónico de Sérgio Capparelli una subvención material para la conclusión de esta actividad a la luz de un amplio, pero no hermético, límite teórico sobre la cibercultura. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo discutir cuestiones teóricas sobre la literatura infantil, por medio de los poemas digitales del sitio de Sérgio Capparelli. La metodología utilizada es la investigación exploratoria con soporte bibliográfica, de carácter analítico cualitativo para el análisis de poemas, basada en los supuestos teóricos sobre literatura digital de Hayles (2009), Lévy (2000), Santaella (2004, 2012a, 2014), Torres (2010); concepto de literatura infantil y juvenil por medio de Hunt (2010); temas relacionados con la teoría literaria y la contemporaneidad a través de académicos como Compagnon (2014), Berman (1986), Bauman (2001), Canclini (2003), entre otros. La lectura de poemas digitales puede ayudar en la alfabetización literaria y digital. El sitio electrónico de Capparelli, de fácil acceso por medio de computadoras y dispositivos móviles, es un interesante objeto de estudio.

Palabras clave: Lectura; Lector; Ciberpoesía; Sérgio Capparelli.

INTRODUÇÃO

A literatura, sobretudo como manifestação de arte e realidade socialmente refletida e construída, não ficou alheia as transformações tecnológicas e de tudo que configura a pós-modernidade[1], adaptou-se às novas plataformas de leitura e deu início a novos gêneros textuais para leitores com idades e objetivos diferentes. A esse respeito, o presente artigo objetiva discutir teorias que destacam aspectos da literatura infantil, com um recorte particular à produção literária do escritor Sérgio Capparelli; à dissipação dos atuais suportes de leitura e suas implicações relativas à maneira como o ler se estabelece por meio deles; na relação que o poeta estabelece entre a tecnologia de localização e a sua criação literária; na expansão da poesia em meio digital e a interatividade presente nelas. Por fim, serão analisados do ponto de vista estético e semântico alguns dos poemas visitados pelos leitores, especialmente as crianças.

A metodologia empregada é a pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico, de caráter analítico-qualitativo para análise dos poemas, tendo como base os pressupostos teóricos sobre literatura digital, a partir de Hayles (2009), Lévy (2000), Santaella (2004, 2012a, 2014), Torres (2010); conceito de literatura Infantil e juvenil por meio de Hunt (2010); questões ligadas à teoria literária e à contemporaneidade por meio de estudiosos como Compagnon (2014), Berman (1986), Bauman (2001), Canclini (2003), entre outros.

O ciberpoema, um gênero textual[2] concretizado no ambiente virtual, é um texto de estética híbrida carregada de figuras de linguagem, ritmo, léxico inovador e de campos semânticos que exigem relações externas ao escrito para serem compreendidos, mas, nele, tudo isso se alia às imagens, sons, cores, movimentos e à necessidade de interação cognitiva e física com o computador. No site de Sergio Capparelli, a página *Ciber&Poemas*[3] apresenta exemplos de leitura e interação por meio de ciberpoemas, poesia visual e produção de poesia na web.

Alves (2012) classifica Sérgio Capparelli como um dos escritores que mais ganhou espaço na produção literária para o público infantil, sendo lido até a atualidade. Para ela, a expansão do mercado educacional impulsionou o

[1] Não compreendemos a pós-modernidade como uma ruptura na história da humanidade, mas como mudanças e avanços das técnicas e tecnologias, da industrialização que serviu de fonte para uma nova organização social e influencia as recentes gerações: "o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do espaço que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes urbanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes." (BERMAN, 1986, p. 16).

[2] A ideia de gênero textual e a sua relevância para este trabalho será esclarecida mais adiante, ao analisarmos alguns ciberpoemas do site de Capparelli.

[3] Ana Cláudia Gruszynski e Sérgio Capparelli. *Ciber&Poemas*. Disponível em: <http://www.ciberpoesia.com.br>. Acesso em: 25 maio 2016.

consumo e conseqüente produção de livros para crianças no século XX. Segundo a autora, “os livros didáticos tornaram-se populares devido ao aumento do nível da escolaridade, em decorrência da reforma do ensino e da expansão da rede pública, como também à crescente ampliação da classe média, que gerou um maior consumo de livros didáticos” (ALVES, 2012, p. 26).

Em outra investigação a respeito de uma das produções de Sérgio Capparelli, Mocci (2010) aborda aspectos da vida pessoal e profissional do escritor e classifica o seu estilo como dinâmico e irreverente:

Professor universitário, pesquisador, ensaísta, ficcionista, jornalista e poeta, com mais de 30 obras publicadas para o público infantil e juvenil, Sérgio Capparelli é considerado, hoje, um dos grandes nomes da literatura infanto-juvenil brasileira. Dono de um estilo dinâmico e irreverente, busca destacar em suas obras, além da temática social, o aspecto lúdico da linguagem, fato que faz com que seus livros e poemas sejam imensamente apreciados pelo jovem público leitor. (MOCCI, 2010, p. 66).

Entre as mais de 30 publicações de Capparelli estão obras como, *Duelo do Batman contra a MTV* (2004), livro de poemas para adolescentes e jovens; *111 Poemas para crianças* (2003), livro para crianças; *Poesia Visual* (2001), de Capparelli e Gruszynski, livro de poesia visual para crianças; *Minha Sombra* (2001), livro de poemas para crianças, todos com mais de três edições publicadas.

Apesar de sua produção não ter sido sempre apenas para crianças e jovens, foi neste campo que o autor ganhou maior reconhecimento da crítica literária, em especial a crítica de literatura infantil, e ganhou também diversos prêmios. Segundo o site Capparelli.com.br, foram seis prêmios em cinco anos, de 2000 a 2005. A página virtual *Ciber&Poemas* surgiu após a publicação de um dos livros de Capparelli, escrito em parceria com Ana Claudia Gruszynski.

As obras dele mais aclamadas pela crítica brasileira são *Os meninos da rua da Praia*, de 1979 e *Boi da cara preta*, de 1983. Mais recentemente, no entanto, o autor enveredou-se pelos caminhos da produção virtual, onde também tem sido feliz, segundo Rettenmaier (2008), que equipara a qualidade de sua produção literária virtual a de Ângela Lago, também autora de textos infantis, no Brasil. Para ele, a literatura impressa abriu espaço para a ilustração e isso ganhou força na produção literária infantil, “a literatura permitiu coexistência entre texto verbal e ilustração, nas bases da inauguração de um gênero: a literatura infanto-juvenil” (RETTENMAIER, 2008, p. 77). O autor acredita que o leitor ainda em formação, como são os infantis, reconhece as imagens como preenchimento de espaços deixados pelas palavras, ou por não serem suficientemente descritivas, ou por exigirem uma decodificação que ainda não é cognitivamente desenvolvida para fazer, as imagens, portanto, completam o sentido do texto verbal e, quando isso se apresenta na multimídia, novos itens se agregam no sentido dessa interpretação do texto.

Assim como no veículo impresso, na multimídia a literatura destinada às crianças desperta interesse e avaliações pelos adultos. Rettenmaier (2008) reflete sobre o fato de que parte da literatura infantil multimídia, assim como muitas impressas, podem estar à disposição não para ampliar os códigos e a significação artística da obra, pois se propõem a ser meramente comerciais. No entanto, usando como um de seus exemplos da página *Ciber&Poemas*, de Capparelli e Gruszynski, o autor afirma estarmos diante de literatura infantil de qualidade:

A aproximação e o diálogo significativo de distintos códigos podem ser efetivamente elementos enriquecedores de leitura, um experimento artístico plurissignificativo. [...] Outra iniciativa de utilização intersemiótica na rede é a de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski. Nesse ambiente é possível interagir ‘poeticamente’ com textos estabelecidos na reorientação semiótica da palavra, na re-interpretação do visual pela linguagem verbal. (RETTENMAIER, 2008, p. 77-81).

Constatamos até aqui a versatilidade e as diversas facetas do jornalista, professor, pai, escritor, pesquisador e poeta Sérgio Capparelli. Obviamente que a sua criação literária, mais especificamente a infantil digital, é a que mais nos interessa, pois leva à convergência entre tecnologia, leitura e poesia, podendo ser acessado através de computadores desktops e de dispositivos móveis. Coelho (2000), em suas proposições sobre a literatura infantil define que a poesia destinada às crianças, ou aos jovens, “deve ser breve, versos curtos, ritmos e rimas que toquem de imediato a sensibilidade, a curiosidade ou as sensações do fruidor [...] que expresse uma situação interessante” (COELHO, 2000, p. 223).

E é pela credibilidade e coerência das conjecturas dos autores e pesquisas até aqui citadas e a convergência de suas análises acerca da literatura infantil, acessibilidade à rede de internet, a leitura e qualidade literária e estética da poesia digital com criação poética de Sérgio Capparelli que se analisará como estão estruturados os ciberpoemas destinados aos infantis e aos jovens na página do site de Capparelli, com atenção especial ao link Ciberpoesia da página *Ciber&Poemas*.

CIBERLITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

De modo geral a tecnologia é compreendida na atualidade como algo que se estabelece por meio de máquinas computacionais, contudo, pensar de tal forma é excluir que antes da invenção dos computadores havia tecnologia no mundo. E o que dizer sobre a invenção da roda, por exemplo? Aos aforismos que recortam a história da humanidade e suas evoluções tecnológicas à própria contemporaneidade, Pinto (2005) os interpreta como próprios do pensamento ingênuo. Segundo ele:

Toda época, na palavra de seus ideólogos, julga-se privilegiada, vê-se como o término de um processo de conquistas materiais e culturais que com ela se encerram. A falta de visão histórica, notada na expressão dos contemporâneos, supõe ausência do dia seguinte, a sacralização do presente imobilizado, o desejo de esconjurar as transformações perturbadoras do estado existente. Neste sentido, há realmente uma variante original na mentalidade ingênuo na maioria dos atuais teóricos da tecnologia. (PINTO, 2005, p. 40).

Uma das técnicas desenvolvidas pelo homem que possibilitou vários avanços tecnológicos posteriores está calcado no desenvolvimento da capacidade de comunicação por símbolos fônicos, a escrita. Para Aurox (1992), a escrita conduziu o homem na passagem do saber epilinguístico para o metalinguístico, ou seja, o homem passou do saber inconsciente da atividade linguística no seu contexto de interação no plano material para a reflexão sobre como a linguagem se estrutura, seus objetivos nas diferentes formas e contextos de manifestação. Nada obstante, as duas situações não se excluem, pois, “o saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é epilinguístico, não colocado por si na representação antes de ser metalinguístico” (AUROUX, 1992, p. 16). Em seus excertos, o autor defende a tese de que o aparecimento da escrita seria, portanto, uma das revoluções tecnológicas da humanidade, para ele é a ciência da linguagem a precursora da revolução tecnológica e científica no mundo moderno.

Da necessidade humana de evoluir científica e tecnologicamente nascem os computadores e as redes de internet, que se popularizam entre os séculos XX e XXI. Para alguns pesquisadores da literatura digital, os textos de circulação no meio impresso que, ao serem digitalizados, passam a fazer parte do ambiente virtual e ganham materialidade não mais apenas no papel, mas, principalmente, nas telas, não devem ser interpretados necessariamente como ciberliteratura. Hayles, (2009), observa, porém, que não há mais como pensar em produção literária separadamente da instância digital, uma vez que os processos de impressão da atualidade passam antes pelo meio digital de produção e armazenamento:

A textualidade impressa e a eletrônica se interpenetram profundamente. Embora textos impressos e a literatura eletrônica – isto é, a literatura que é ‘digital de nascença’, criada e concebida para ser executada em mídia digital – tenham funcionalidades significativamente diferentes, elas são mais bem consideradas dois componentes de uma complexa e dinâmica ecologia de mídia. (HAYLES, 2009, p. 163-164).

Desse modo, considerando a afirmativa acima, é possível pensar que, apesar de serem literatura digital e literatura digitalizada constituições diferentes, não se pode mais separá-las. Santaella (2012a) também delimita o que avalia como a diferença entre literatura eletrônica que “nasce da transposição do impresso para o digital” e a literatura genuinamente digital, “aquela que nasce no digital”. Para a autora, a causa da não definição de tal diferença seria devido ao abandono à história e à historicidade das preocupações relativas à evolução dos diferentes tipos de linguagem, inclusive a da literatura digital. Para a autora, ao longo da história da evolução do espaço virtual e seu povoamento literário, foram atribuídas diferentes nomenclaturas à literatura digital, contudo, o importante é ater-se ao fato de que literatura digital é aquela que nasce no meio digital, reitera. Ainda que por um viés mais relativo à estética que caracteriza o texto literário, Sales (2008) corrobora com Hayles e Santaella, a pouco citadas, no que tange a ideia da gênese literária em meio digital, todavia restringe ainda mais a ideia de literatura nesse mesmo círculo ao afirmar que ela seria aquela que nasce em meio digital e pode ser lida apenas na tela do computador. Assim, como em outros momentos da história, modificar e ressignificar a dinâmica da leitura requer capacidade de aceitação do novo e uma evolução que diz respeito não apenas a uma mudança de forma, mas a passagem de um estado de conhecimento a outro.

De maneira geral, parte da sociedade, seja por falta de acesso, seja por resistência ou necessidade de adaptação, ainda não aderiu ao livro digital, por exemplo, agarrando-se às tradições da literatura que antecederam a escrita eletrônica. É possível compreender a resistência dos leitores do campo literário ao texto virtual, mesmo entre os mais ávidos e fiéis a leitura, porque ler virtualmente significa ter que ativar pontos cognitivos até então adormecidos. Santaella (2004) formula reflexões sobre os leitores das multiplicidades de textos urbanos, das propagandas, outdoors, painéis eletrônicos, manchetes, cores, televisores, etc. Segundo ela, dessas múltiplas possibilidades, o leitor viu ainda saltar o texto escrito em papel para as telas eletrônicas, mas, dessas telas, o texto passou a transitar pelas vias eletrônicas, exigindo do leitor que ele se constituísse “em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço” (SANTAELLA, 2004, p. 18). São muitas as mudanças e, conseqüentemente, as adaptações cognitivas necessárias para compreender o texto literário digital.

O leitor do texto digital, atualmente, orienta-se entre os nós e nexos do texto em qualquer lugar em que esteja, graças a mobilidade dos equipamentos eletrônicos, como os dispositivos móveis, porém, esse mesmo leitor que se conecta ao texto virtual em qualquer lugar em que esteja não perde o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico. O texto digital representa novas formas que agregam som, imagens moventes, intuição, interação, compreensão de diferentes vozes em um mesmo texto que pode ser ou não traçado de forma colaborativa ou autônoma por esse sujeito leitor, que agora divide a sua atenção entre todos esses elementos do texto virtual com o seu entorno. Certamente, a geração que desperta com mais essa habilidade em relação à leitura, o que Santaella (2014) apresentou como mais um desafio para a educação, a leitura ubíqua.

Isto posto, devemos estabelecer, porém, que a concepção de leitura compreende o diálogo entre o leitor e o texto, considerando os seus conhecimentos prévios e sua visão de mundo que implicarão sobre tudo aquilo que exige a sua leitura. A formação do leitor, nesse prisma, configura-se em um longo processo incapaz de ser esgotado nas séries iniciais da escolarização, uma vez que os sujeitos em estado natural de desenvolvimento humano recebem novas informações e ampliam conhecimentos constantemente. A leitura está pautada na interação leitor-texto-autor e tudo que envolve a capacidade de se compreender o texto:

Todo e qualquer processo de compreensão pressupõe atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução – no qual as unidades de sentido ativadas, a partir do texto, conectam-se a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo global também ativado em sua memória. (KOCH, 2015, p. 39).

[4] A semiótica compreende um vasto estudo dos signos por ser a ciência de toda e qualquer linguagem. Apropriamo-nos da definição de Santaella (2012b) para compreender que a semiótica é a ciência que tem como objeto de investigação todas as linguagens possíveis pela capacidade de significação e produção de sentido que elas têm.

A partir dessas premissas em relação ao que se compreende sobre a leitura, conclui-se que a formação do leitor tem início antes do início da escolarização, porém, passa pelos bancos escolares e segue por toda a vida. A leitura é uma aprendizagem de valor social adquirida no convívio com as famílias cotidianamente, por meio de rótulos, revistas, etiquetas e mídias digitais de comunicação e informação, como televisores, computadores e dispositivos móveis. Para Rezende (2009), estamos diante de uma nova realidade em que a palavra percorre por diferentes caminhos até chegar ao seu leitor, disputando importância interpretativa com diferentes concorrentes:

É necessário adequar-se à nova realidade em que a palavra concorre com a imagem, o som, o espaço, o movimento, as cores: a evolução tecnológica determina um novo contexto com a coexistência muito próxima das diferentes linguagens. O texto linguístico reveste-se com um novo padrão e nem só a palavra nem a visão gramatical são suficientes para a formação do leitor e produtor de textos. Depois da disseminação do rádio e da TV, o texto linguístico compartilha espaços com sons e imagens e, em razão disso, deve ser revisto na sua complexidade para que possamos provocar os estudantes para esse universo, tendo em vista seu valor. (REZENDE, 2009, p. 27).

As palavras de Rezende (2009) fazem resgatar o que Hayles (2009) e Santaella (2012a) apresentaram como um novo texto, a partir da produção literária digital, que exige do leitor uma nova postura ao ler, inclusive os textos literários. E, nessa direção, as teorias e práticas pedagógicas acerca do ensino e a aprendizagem da leitura literária viu-se diante de um novo desafio. Em 1996, de acordo com Rojo e Moura (2012), um grupo de pesquisadores de Nova Londres, em Connecticut (EUA) publicou um manifesto intitulado “Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”. Para Rojo e Moura o que caracteriza os multiletramentos é sobretudo a multiplicidade de culturas e semiótica[4] dos textos:

O conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO e MOURA, 2012, p. 13).

Os autores tomam o conceito de cultura no âmbito social, descentralizando o texto para diferentes campos, como o popular, de massa ou erudito, seguindo a classificação de García Canclini (2003). Para os autores a cultura não deve ser tomada em sentido dicotômico, erudita/popular, de massa/canônica, central/marginal, ela é tudo que envolve as sociedades.

As TDIC vêm alterando a cultura nos últimos anos, o que inclui a leitura e a produção literária. Estabelecida como uma realidade para mais de 50% da população no país, não pode ser ignorada a influência da cultura digital na maneira como os jovens da atualidade leem. No entanto, apesar de o suporte literário digital armazenar virtualmente milhares de textos ao alcance de alguns toques em uma tela, essa leitura é labiríntica e pode comprometer a interpretação do leitor, pois, o labirinto hipertextual, está em constante alteração. Além disso, os textos virtuais são plurais e podem agregar simultaneamente imagens, vocábulos, sons, cores e movimentos, estabelecendo referências antes inimagináveis pela distância e fronteiras, que se atenuam a medida que a tecnologia digital de informação e comunicação

avança, tornando cada vez mais presente as relações intertextuais na produção literária digital.

INTERTEXTUALIDADE E CIBERPOESIA

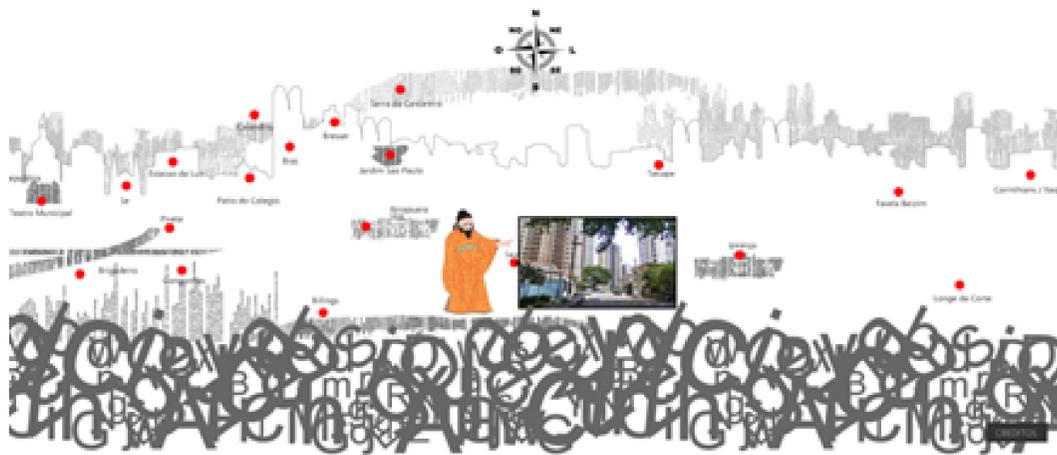
A poesia é uma das mais importantes representações estéticas da literatura mundial. Ao refletirmos historicamente é evidente que ainda antes de se pensar em hibridismo cultural[5] pelo rompimento tecnológico das fronteiras mundiais, ou mesmo em globalização, no sentido amplo e generalizador que é atribuído a tal vocábulo atualmente, a intertextualidade já se firmava como influência literária

Para Jenny (1979), as obras literárias nunca são acasos da memória, pois são resultantes das influências de seus precursores. Para ele, a intertextualidade é um princípio concreto na literatura, principalmente quando a analisamos por um viés histórico/social. O texto literário é tomado como um sistema de signos, seja ele literário, oral, social ou inconsciente, concretizado pelas pessoas e as manifestações artísticas e culturais muito evidentes nos grandes centros urbanos. Na contemporaneidade, o livro converte-se em um suporte restritivo para os poetas dessa nova forma de vida que se apresenta diante das pessoas, apesar de historicamente e comercialmente importante. O leitor da geração atual, sobretudo aquele que habita uma grande cidade, é o leitor das tecnologias digitais de informação, dos muros grafitados, das placas e dos outdoors.

É nessa necessidade de aproximação entre a poesia, a população, a urbanidade e o espaço virtual, que chegamos ao encontro entre a poesia digital de Sérgio Capparelli e os elementos concretos da contemporaneidade, entre eles o metrô.

Na página *Poesia Digital*, do site *capparelli.com.br*, encontram-se os poemas *Wang Wei em São Paulo*, *Du Fu em San Vito* e *Wang Wei no Metrô*. Ao clicar no primeiro poema (ver Figura 1), o leitor tem um texto introdutório, revelando que Wang Wei foi um poeta chinês que viveu entre 699 e 759 d.C. O texto convida o leitor-interativo a conhecer ou reconhecer alguns pontos importantes da cidade de São Paulo. De imediato, ao entrar na nova página, surge uma Rosa dos Ventos no alto da tela, enquanto abaixo, o desenho de um centro urbano se movimenta na tela ao mesmo tempo em que pontos vermelhos luminosos seguem piscando por todos os lados da cidade. Ao colocar o cursor sobre a tela aparece uma foto daquele lugar escolhido, como uma espécie de *Google Street View*, ou *Google Maps* em que é possível ver fotos dos lugares pesquisados. Ao apertar o botão sobre a foto, abre-se uma caixa com um poema que tem como título o nome do lugar a que se refere, fazendo menção a fatos corriqueiros daquele mesmo espaço. Só é possível seguir com a leitura passeando pelos pontos das cidades.

Figura 1 – Wang Wei em São Paulo



Fonte: <http://capparelli.com.br/wangweimsaopaulo>

[5] Hibridismo cultural aqui é entendido pelo conceito postulado por Néstor García Canclini em seu livro *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Para ele "a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. [...] Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais, homogêneas e, por regiões, de raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritária urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com as redes nacionais e transnacionais de comunicação." (CANCLINI, 2003, p. 285)

Ainda que não seja uma narração e, principalmente, que não haja a necessidade de sair pela cidade para ler esses ciberpoemas, eles fazem lembrar as formas dadas as “narrativas locativas”, deslocando um conceito trazido por Hayles (2009) da narrativa digital para a ciberpoesia:

Considerando que na década de 1990 os romances de correio eletrônico eram populares, a última década assistiu à ascensão das formas dependentes das tecnologias móveis, de histórias curtas enviadas por capítulo, a telefones celulares até narrativas com localização específica, ligadas à tecnologia de GPS, frequentemente chamadas “narrativas locativas”. (HAYLES, 2009, p. 27-28).

O ciberpoema *Du Fu em San Vito* segue a mesma organização do anterior, porém com algumas diferenças estéticas. A cidade de San Vito fica na Itália e isso é explicado na tela de introdução. Há também a opção de idioma para leitura, italiano ou português. O autor explica que Du Fu é um poeta chinês que viveu entre 712 e 770 d.C., e agora visita a cidade italiana.

No último ciberpoema, *Wang Wei no Metrô* (ver Figura 2), do lado direito do desenho há uma caixa de texto e toda vez que o leitor interage clicando sobre uma das estações do metrô surge um novo poema na caixa, tendo por título o nome da respectiva estação. Nesse poema não há fotos ou imagens além a da linha metroviária.

Os poemas que se abrem à passagem de cada estação são como janelas para a vida dos bairros que por ali seguem, são descrições sobre o lazer, a violência, a arte, as diferentes fases da vida que os moradores compartilham entre si. A beleza dos versos encontra-se na maneira como estão ocupados por palavras comuns, ou corriqueiras, que se combinam e fazem entender como a cidade pela qual desfilam os trens carregados de vidas, por vezes, tão simples quanto as palavras utilizadas para compor a sonoridade, imagens e toda a carga de significação de seus versos.

Figura 2 – Wang Wei no Metrô



Fonte: <http://www.amaisnaopoder.com.br/metro/index.html>

Os poetas chineses apresentados nos três poemas digitais realmente existiram. Nenhum dos três poemas apresentam acompanhamento sonoro. Em relação à interatividade, especialmente sobre o último, *Wang Wei no Metrô*, caberia em um livro impresso que possibilitasse por meio de um sumário a escolha das estações e com a indicação das páginas chegar à leitura do poema correspondente à cada opção. Contudo, compreendemos que a ciberliteratura é experimentação e que a transitoriedade de suporte textual é algo possível, mas nem sempre, fundamental.

Hayles, Sales e Santaella (supracitados), além de Rui Torres (2010), confirmam que a ciberliteratura é aquela que nasce no meio digital. Contudo, Torres amplia tal conceito ao afirmar que a gênese dessa literatura envolve mais que o seu veículo original de circulação. Para ele, a “metamorfose” entre os meios acrescenta à ciberliteratura o “caráter verbocovisual”. Torres, a esse respeito esclarece:

Trata-se ainda de uma prática que cruza, na expressividade dos meios, uma multiplicidade de matizes de caráter verbocovisual: o som – dos anúncios e das canções; o grafismo e a visualidade – da banda desenhada e da iconografia urbana; a escrita – dos caligramas como da combinatória. [...]. Desta relação entre uma dialética das formas e uma metamorfose permanente dos meios resulta a ciberliteratura. Também denominada literatura algorítmica, generativa ou virtual, a ciberliteratura designa aqueles textos literários cuja construção assenta exclusivamente em procedimentos informáticos: combinatórios, multimidiáticos ou interativos. (TORRES, 2010, p. 117-118).

[6] Recepção, nesse contexto, está sendo empregada de acordo com Jauss, na Teoria da Estética da Recepção, para verificar como os leitores recebem o texto, no caso os ciberpoemas, isto é, a recepção dos ciberpoemas pelo público leitor.

Sendo híbrido ou intertextual, nascido ou transportado para o meio digital, o poema assume elementos de significação sonora, visual e de interação que no ciberespaço corroboram com o verbal que o embasa e alimenta. A literatura gerada em meio digital, ainda segundo Torres (2010), recria conceitos com os textos e interpretação a partir de experimentações e jogos.

A literatura no meio digital, tanto nas narrativas, quanto nos textos de expressão poética, assume características de interação que pressupõem a mediação do leitor para avançar no texto ou simplesmente se materializar até a sua conclusão. Para alguns leitores, o texto digital, portanto, poderia se confundir com um jogo.

No site Capparelli.com.br, pode-se navegar pela página Poesia Digital acessando o link Zoom na Poesia. Nesse ambiente, é possível interagir poeticamente entre diferentes links que misturam poesia e declamação, criação, composição e jogos com elementos sonoros, visuais e verbais. A sedução do público infantil e juvenil é feita por meio da relação com elementos que se acercam aos dos jogos digitais. Contudo, a relação entre a ciberpoesia do site e um jogo eletrônico puro e simples é cindido no momento em que se completa a leitura do texto, atribuindo a ele carga suficiente de relações e sentidos.

O poema é por excelência habitado por figura de linguagem que exige sensibilidade e interpretação, sua transposição para o digital apenas se completa na interpretação que o leitor faz de suas palavras em relação ao não verbal, o musical e o mundo que envolve a poesia inerente a ele. Logo, para que todos os elementos que vão gerar a interpretação do ciberpoema sejam observados é necessário que haja interação entre o leitor e o texto digital. Essa interação é mais ampla que o virar de páginas de um livro, ela pressupõe movimentar um cursor, seguir setas, saber retornar à página anterior, movimentar imagens, abrir janelas, fazer buscas, enfim, usar todas as possibilidades de navegação pelo cibertexto.

INTERAÇÃO NA CIBERPOESIA

Ao nos propormos a estudar a recepção[6] de ciberpoemas pelo público leitor por meio de uma plataforma destinada aos leitores infantis e juvenis, fez-se pertinente entender o porquê da delimitação literária, ou seja, qual a importância em se estabelecer diferenças entre a literatura para adultos e para crianças. Abre-se aqui espaço para tais considerações enumerando alguns aspectos relevantes.

Em primeiro lugar, pensamos em infância e juventude como duas fases diferentes da vida humana. Ainda que as duas estejam relacionadas ao processo de formação do indivíduo e a sua carga cognitiva esteja, não simultaneamente, nesses dois momentos em processo de desenvolvimento, a juventude representa maior tempo de vida em relação à infância. Durante a infância, o indivíduo, via de regra, está mais restrito às experiências familiares e iniciando o seu processo de alfabetização escolar, ao passo que, na juventude, as experiências fora do ambiente familiar são conseqüentemente mais frequentes, a alfabetização já passou, adianta-se a fase dos letramentos e aprofundam-se os desafios literários propostos principalmente pela escola. Em segundo lugar, o público, diferente do adulto, exige do autor ou organizador

adulto escrevendo para criança, decisões morais sobre o texto, que será destinado a leitores em formação. O terceiro aspecto que deve ser considerado é a classificação do texto como literário ou não. Numa proposição generalizadora, o adulto poucas vezes entrará em contato com a literatura infantil, a não ser para levá-la à criança ou para cambiar avaliações sobre a qualidade e adequação do texto com outros adultos. O valor que se atribui ao texto literário, segundo Hunt (2010) é importante, pois:

Certamente, o texto literário tem uma tendência a apresentar determinados aspectos linguísticos. Tais aspectos muitas vezes representam uma função da mensagem linguisticamente 'autossuficiente', que não precisa de um contexto de interação humana imediata para ser compreendida. Existem 'marcadores' típicos no texto, tais como: enquanto no discurso normal o emissor e o receptor, remetente e destinatário são marcados como primeira e terceira pessoa, na literatura não é necessariamente assim. Mas isso não faz do texto 'literatura' em seu sentido geralmente aceito, é o contexto cultural que determina a classificação. (HUNT, 2010, p. 84).

Ao desconsiderar e minimizar os aspectos culturais e de expressividade narrativa, ficcional, linguística e estética da literatura direcionada ao público infantil e juvenil, ainda segundo o Hunt (2010), ela perde seu caráter de "experiência literária". A organização linguística e estética do texto, segundo a crítica literária, confere que para escrever à infância e à juventude isso não deve ser feito de modo simplório, pois a literatura para esse público significa "escrever com fluência e versatilidade a fim de ampliar o repertório linguístico e instrumentalizá-la para receber o jogo de linguagem característico da literatura" (CARVALHO, 2014, p. 52). Desse modo, não se deve menosprezar a capacidade de recepção da criança e do jovem sobre o texto, simplificando-o a ponto de não alimentar interesse por não acrescentar desejo, encantar e despertar a apreciação literária.

Discorremos anteriormente sobre as principais obras de Sérgio Capparelli para crianças e as o percurso acadêmico percorrido por ele até se aventurar com sucesso pela escrita infantil e juvenil. Ao longo das análises elaboradas acerca dos ciberpoemas em sua plataforma virtual foi possível observar que um dos diferenciais entre a poesia impressa e a digital é a interação entre leitor e o poema que ele lê. A ciberpoesia nem sempre exige do seu leitor a interação dele para que ela avance em significação. Quando ela não estabelece essa relação de necessidade com o seu leitor pode assemelhar-se a literatura impressa, no sentido da interação especialmente, pois o fato de abrir uma página do ciberespaço pode se acerrar do mesmo impulso e necessidade em se escolher um poema no sumário de um livro e chegar à página desejada.

Primo (2011) chama-nos atenção para a elasticidade de ordem usual com que motivados pela a publicidade, o termo "interatividade" tem sido empregado nos últimos anos, e o risco que ela pode representar para a área dos estudos linguísticos e literários. Para o autor, o termo "interatividade" é utilizado numa referência imediata ao computador e diz respeito à sua alta performance. Ele discorre sobre diferentes tipos de interações que ocorrem por meio de computador, sobretudo o que chamou de "interação reativa" e que explica o tipo de interatividade proposta pelos ciberpoemas de Capparelli:

Na interação reativa as trocas comunicativas são automatizadas e não apresentam interdependência. Tal tipo de interação é marcada por uma especificação prévia no sentido de oferecer um resultado esperado (como o salvamento de um arquivo). Assim que a requisição (através do clique de um botão, por exemplo) receba de volta o retorno solicitado, as próximas interações podem ocorrer sem nenhuma influência dos contatos passados. (PRIMO, 2011, p. 110).

O termo interatividade não nasceu com a internet, mas foi muito bem relacionado a ela para definir o retorno imediato que os seus usuários esperam obter ao exercer um comando no mouse ou tela. Para Lévy (2000), o termo interatividade diz respeito à participação ativa de um usuário sobre qualquer transação de informação, como televisão e telefone, por exemplo. Lévy acredita que “mesmo sentado na frente de um televisor sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho” (LÉVY, 2000, p. 79).

A partir das conjecturas de Santaella e Lévy (supracitados) e fazendo apropriações de suas ideias acerca do ciberespaço, entendido como ambiente amplo e de infinitas possibilidades de conexões que levam diferentes navegadores a diversos caminhos segundo a intencionalidade aplicada e sua maturidade enquanto usuário da rede de navegação, para a ciberpoesia, de Sérgio Capparelli, verificamos que a interatividade se configura como um processo de estímulos e manipulação, ação e retorno com relação ao texto virtual. Nela, o leitor pode ir de um ciberpoema a outro, assim que se sentir satisfeito com os efeitos do anterior, montando sua própria rede de compreensão, estabelecendo significados variáveis entre os leitores-interativos. A tela do dispositivo eletrônico e todas as suas extensões será fundamental para o jovem leitor que se aventura pela ciberpoesia, de Capparelli. O leitor não apenas emite ou recebe mensagens, ele constrói uma rota de leitura para qual tela, mouse, teclado são extensões da sua cognição e funções motoras, do programa de computador e da virtualidade onde reside toda a poesia.

A literatura eletrônica é, por vezes, dissociada da literatura impressa, porém, verifica-se a digitalização como uma consequência da disponibilidade tecnológica, seja para fins de salvaguardar um conteúdo, ou para que a literatura alcance um novo público, os nascidos do século XXI. Como vimos em Hayles (op. Cit., 2009), a literatura digital é aquela nascida em meio eletrônico, que exige do escritor um trabalho conjunto entre ele, um programador e, às vezes, um profissional do designer.

Estamos diante de um novo leitor, o leitor ubíquo, natural da energia elétrica, do rádio, do cinema, da TV e, principalmente, da internet, utilizando-se dos dispositivos digitais, como os celulares e tablets. A leitura para essas pessoas se tornou cada vez mais acessível, talvez não no sentido democrático que a palavra acessível possa suscitar, afinal, ainda há muitos lugares desprovidos da tecnologia do computador, da rede de internet e alguns até sem a energia elétrica, ao pensarmos no Brasil, especificamente, como nos mostraram os dados apresentados pelo CETIC.br e UIT (2017). Mesmo com todas as exceções, fazemos parte do país que se orienta pelas majorias, com uma política educacional que promulga sobre toda a extensão territorial nacional unificando currículos, fazendo apenas ajustes sobre a diversidade cultural e tecnológica que nos caracteriza de norte a sul. Nesse sentido, o site Capparelli.com.br se mostra como um ambiente capaz de preparar as crianças deste período tecnológico para interações leitoras e interpretativas do mundo contemporâneo como ele se apresenta diante de seus olhos, possibilitando acesso em computadores desktops como em dispositivos móveis.

EXPANSÃO DA POESIA NO MEIO DIGITAL

As experimentações literárias em meio digital são influências de um longo caminho percorrido pela humanidade na busca em se satisfazer do novo. Aqui se emprega a palavra novo no sentido de “novidade”, ou seja, a necessidade de preencher o vazio que a ideia de que tudo está posto pode provocar. O conceito de liquidez e paradoxos da sociedade moderna e pós-moderna sobre os quais versaram Berman (1986), Bauman (2001), Compagnon (2014), entre outros, remete-nos à fluidez de que se vestiu a literatura, a necessidade em relacionar os diferentes signos tornando o texto cada vez mais híbrido, e o encontro entre forma e a modernidade estética viabilizada pelo novo suporte.

O progresso humano cultural, segundo Coutinho (2008), foi sendo incorporado pela literatura que não ficou alheia aquilo que o homem sobremaneira desenvolveu e popularizou, as tecnologias digitais. O fazer literário ganhou, portanto, um novo suporte e espaço, os aparatos eletrônicos e o ciberespaço respectivamente:

Com esse progresso científico, então, a incorporação do racional e dos conceitos, dos questionamentos sobre a realidade, a busca pela investigação foram, cada vez mais, sendo incorporados pela literatura. Muitas obras se impregnaram com essa cultura centrada na racionalidade e foram contagiadas pelo progresso tecnológico e o progresso científico que as impulsionava para o futuro. (COUTINHO, 2008, p. 185).

[7] Usamos aqui a classificação de Lemos (2013). Segundo ele a informática é uma ciência (baseada na cibernética) de produção, organização, armazenamento e distribuição automatizada da informação, traduzida em bits (códigos binários tipo 0 e 1).

O desenvolvimento tecnológico do século XX popularizou-se com a alcunha de Revolução Tecnológica, porém, Pinto (2005) refuta a ideia que carrega essa expressão, pois, para ele, todas as épocas tiveram a revolução tecnológica que puderam e que lhes era importante para atender a necessidade da sociedade em um determinado período no tempo. O desenvolvimento sobretudo cibernético, que acelerou a forma de comunicação no mundo como o conhecemos hoje e as recentes tecnologias que dão suporte a esse desenvolvimento também modificaram a forma como o ser humano dos séculos XX e XXI lê e escreve.

O ambiente virtual proporciona novas experiências acerca da leitura, elas envolvem interação entre leitor e texto e todas as possibilidades mais ou menos controladas pelo autor. À leitura virtual, portanto, em consonância com o texto de Rezende (2009), torna-se insuficiente compreendê-la apenas como estudos de signos linguísticos, visto que ela abrange também feitos de sistemas de significação, formada pela linguística e semiologia. Para a autora, a leitura tem sido circunscrita ao universo linguístico escolar cotidiano, quando, no entanto, não se restringe a ele, vagueando por diferentes espaços. Por sua vez, Marinho (2009) relaciona a leitura à produção de textos, pois, em sua conclusão, os textos são produzidos porque existem os leitores. Nessa perspectiva, a autora dedica-se a discorrer sobre a relação leitura e produção textual sob a ótica da Análise do Discurso em o que considera duas grandes vertentes dessa ciência acerca dos estudos linguísticos. A primeira vertente, em vista disso, dedica-se a “investigação do dispositivo social de circulação de textos [...] relativas a quais textos circulam em quais espaços em quais épocas e por quais razões” (MARINHO, 2009, p. 20). A segunda vertente privilegia o sentido, ignorando, exceto quando afetar a sua significação, as questões de circulação do texto, dedicando-se prioritariamente com aquilo que ele significa. Nesse sentido, a leitura de poesia digital, envolve semiose e semiótica, intencionalidade, circulação e ampliação de sentido à medida que a interação entre leitor/autor avança. A ciberpoesia, sobretudo, ganha novas configurações e relações de sentido associando cores, movimentos, imagens e sons às palavras, ampliando ainda mais a sua significação ao meio de circulação a que pertence.

Com tantos elementos pareceria fácil encontrar a ciberpoesia em um limiar tênue entre algo que não se configurasse poema. No entanto, Azevedo (2008) assegura que “a poesia digital retoma a ritualização da linguagem” (2008, p. 101), toda a prática de fazer poesia em meio digital torna-se poético, uma poesia que não se mantém sem a escrita. Antonio (2011), em seu texto “Tecno-arte-poesia no Brasil”, tecno-arte-poesia hoje amplamente reconhecida como ciberpoesia, ou poesia digital no país, considera a ciberpoesia uma poesia contemporânea que se mantém vinculada as formas tradicionais do poema, em especial com a poesia concreta e visual do século XX, mas transcende-as pela tecnologia digital de que se favorece. O autor define a ciberpoesia como uma poesia que foi adaptada à linguagem binária[7] dos computadores e migrou para o ciberespaço a medida que a tecnologia dos computadores se desenvolvia. Do mesmo modo migratória passou a ser exibida na tela do computador, “até tornar-se um texto eletrônico de circulação apenas no meio digital” (ANTONIO, 2011, p. 111).

Desse modo, o poeta, como Capparelli, por exemplo, não é mais somente o criador/escritor, ele cria e programa sozinho ou com ajuda especializada, ele soma a sua linguagem a dos programas de computador, acompanhando todo o processo. Ainda que a poesia digital esteja de certa forma ligada a poesia concreta ou visual, ela transborda elementos que apenas serão possíveis por meio da programação computacional

CIBER&POEMAS – A CIBERPOESIA DE CAPPARELLI E GRUSZYNSKI

Por meio das leituras até aqui apresentadas, observamos que o poema é uma um gênero textual que se expandiu e alcançou o ambiente virtual. Para aclararmos a imagem a respeito do que é gênero textual, toma-se aqui o conceito de Koch (2015). A escritora apoia-se nos estudos de Bakhtin e a relevância que o pesquisador atribuía as esferas da atividade humana e a sua intrínseca relação com a língua, que, por isso, tão variada quanto a atividade humana poderia ser, seria também a atividade linguística. Assim, Koch (2015) descreve os gêneros textuais como “sequência relativamente estáveis de enunciados” diretamente relacionados às diferentes conjunturas de vida social durante a história. O gênero perpassa os limites de tipo textual, pois os gêneros compreendem um leque muito maior que os cinco tipos enumerados pelas gramáticas textuais até hoje (narrativo, descritivo, argumentativo, injuntivo, expositivo). Koch (2015) assinala que apesar reconhecer a concepção de gênero de Bakhtin, ela não é estática e que novos estudos sobre a mesma pauta ganharam força ao longo dos anos, como “os modelos cognitivos de Van Dijk (1994-1997) e os Tipos de atividade de Levison (1979)”. A autora dá, porém, especial atenção às novas práticas sociais como incentivadora de novos gêneros, tomando como exemplo a mídia eletrônica:

É importante assinalar, contudo, que a concepção de gênero de Bakhtin não é estática, como poderia parecer à primeira vista. Pelo contrário, como qualquer outro produto social, ele reconhece que os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só das transformações sociais, como devidas ao surgimento de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, em função de novas práticas sociais que os determinam (ver, por exemplo, os gêneros de mídia eletrônica). (KOCK, 2015, p. 154).

Diante do exposto acima, fica evidente que estamos diante de um gênero textual quando lemos um ciberpoema. Não é apenas um texto em um novo suporte, ele significa uma nova maneira de ler poesia, com arquitetura verbal e visual peculiares àquele ambiente, que imprime uma prática social relativamente recente de desenvolvimento tecnológico e ampliação de significação, uma vez que está disponível em tempo real para qualquer pessoa a qualquer momento em diferentes pontos do mundo. Na plataforma de poesia digital, ao entrar no ambiente de *Ciber&Poemas* (ver Figura 3), de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, além das informações verbais, o leitor visualiza a figura de quatro computadores desktops, eles são um esboço em linhas finas de monitor, teclado e mouse. Logo abaixo deles estão os títulos de cada ciberpoema e a enumeração de cada um na respectiva ordem em que aparecem, da esquerda para a direita. Os dois primeiros estão classificados pelo próprio site como “super-interativos”.

Figura 3 – Ciberpoemas



Fonte: <http://www.ciberpoesia.com.br>

Ao passar com o cursor sobre esses dois computadores, instruções aparecem para o leitor, como um incentivo à leitura e navegação. A interação nesses poemas se justifica pela necessidade do leitor interativo, aquele que precisa interatuar com o ciberpoema, dando-lhe novas formas, fazendo-o avançar em significação, cumpre essa função de forma mais necessária que em outros ciberpoemas do mesmo site.

Ainda, ao passar o cursor sobre a palavra ciberpoema, abre-se uma caixa de texto com uma breve explicação sobre a criação dos ciberpoemas, um questionamento acerca da autoria dos textos, enquanto a palavra leitor está colocada entre aspas, pois o texto sugere que o leitor também é um “autor interativo”, atribuindo-lhe a qualidade de produtor.

Passando à análise, especificamente, do primeiro poema da sequência, Chá (ver Figura 4), o leitor terá que juntar os elementos que fariam um chá na realidade concreta, como sachê, xícara, bule e líquido, que nesse caso são as letras que compõem a parte verbal do poema, que terá a sua leitura expandida para outros aspectos, além do verbal, à medida em que a interação acontece. Há uma primeira tela explicando a sequência para concluir a efusão.

Figura 4 – Chá



Fonte: <http://www.ciberpoesia.com.br>

Sobre uma mesa estão dispostos vários elementos que, de acordo com a lógica da racionalidade humana, não caberiam na preparação de um chá, como corações coloridos, estrelas e um porta-retratos com a foto de um casal abraçado. Os elementos naturais de um chá seriam a água e o sachê, além do açúcar, todavia não há um açucareiro sobre a mesa. Corações, estrelas e fotografia de um casal apaixonado são elementos que representam ternura, afetividade e, sinesteticamente, doçura. Uma leitura possível para o ciberpoema o Chá, ao completar a infusão, está na relação entre tudo que pode ser colocado dentro da xícara e uma receita com a opção de escolha dos ingredientes, quanto mais ternura, mais doce, sabor reconhecidamente atribuído ao paladar infantil.

Contudo, ainda que o leitor possa colocar tudo dentro da xícara, isso terá que ser intuído por ele que decidirá o que usar para preparar o seu chá. A água do bule é substituída por letras, que caem dentro da xícara ao toque do leitor. Ao clicar no botão “pronto” uma colher mexe o chá. Após a conclusão da efusão, a xícara cresce na tela como se estivesse sendo oferecida a quem preparou o seu conteúdo. Toda a ação é envolvida por diferentes sons e cores, além de outras imagens que se movimentam pela passagem do cursor sobre elas. No sachê, contendo o chá, é possível ler: “A xícara sobre a mesa revela a infusão contida”. Quando todos os elementos visuais da tela, exceto o bule e a própria xícara, estão dentro da xícara, a infusão acontece em forma de poema que surge como fumaça que deriva de um chá quente: “Deixe a infusão / o tempo necessário/ até que os nossos aromas / e os nossos sabores / se misturem. ” A parte verbal do ciberpoema atribui a ele uma nova significação, que extrapola a ideia aparentemente simples de mover elementos para completar a infusão de um chá. A beleza estética da obra torna-se mais completa por meio dos versos, que recorrem à sinestesia e a criação mental das imagens possíveis a partir das palavras que também remetem a afetividade, propondo a mistura de sabores e aromas humanos.

Ademais de todos os elementos que compõem a poesia digital, a concessão do espaço para a criação do leitor, situando-o como coautor, configura-se como um exercício de liberdade de leitura e criatividade. O leitor infante tem liberdade para imaginar o que pode significar tais elementos colocados dentro e uma mesma xícara, mesmo que em seguida a fumaça/texto revele de maneira quase romântica o que deve ser misturado, aroma e sabores. O recurso digital possibilita ao leitor que ele determine a mistura que está apenas proposta pelo ciberpoema, por meio dele, “os processos sinestésicos são recriados em suas próprias dimensões, podendo substituir-se a descrição verbo-sensorial pela imagem” (FERNANDES, 2008, p. 118).

Outro ciberpoema, o décimo e último na sequência dos ciberpoemas da página, tem como título *Cheio/vazio*. Para chegar a esse ciberpoema, o leitor deve seguir as setas do lado direito da tela que apontam para uma outra página, tendo como orientador verbal a palavra “mais”. Ao clicar na figura do computador, abre-se uma janela com um círculo central. Sobre ele está a pergunta “Cheio ou vazio?”. Há dois círculos menores abaixo da frase interrogativa, o círculo à esquerda é branco, enquanto o que está à direita é vermelho. A imagem é estática. Ao passar o cursor sobre a figura, diferentemente do ciberpoema que detalhamos anteriormente, neste não abre nenhuma caixa de instruções, não há nenhuma emissão de som, é necessário escolher entre os círculos vermelho ou branco e dar um clique sobre ele. Ao clicar sobre o círculo preenchido pela cor branca, salta à tela a imagem de uma estação de trem vazia, sem trens ou pessoas. A palavra “vazio” dança sobre a tela ao som suave de um piano, que logo dá espaço ao som forte e intenso de uma guitarra elétrica. Em poucos segundos, a tela volta para as opções e o leitor poderá escolher novamente entre qualquer uma das duas cores. Ao optar pela cor vermelha, o que aparece ao clicar é a imagem de um saco de tecido cheio e com um sifão estampado nele. Vários sinônimos da palavra “cheio” (ver Figura 5) vão surgindo sequencialmente na tela (pleno, preenchido, completo, repleto, totalmente). Neste momento, ouve-se um som sequencial de teclado, logo após a imagem muda para caixas de arquivos repletas de papéis, e o som simula uma voz eletrônica cantando algo não identificável.

Figura 5 - *Cheio/Vazio*



Fonte: <http://www.ciberpoesia.com.br>

A partir da descrição dos ciberpoemas, de Sérgio Capparelli, a noção de interatividade ou interação propostas por Santaella (2004) e Primo (2011) concretizam-se. A recepção da poesia digital dependerá, entre outros aspectos, da forma como ela será conduzida pelo próprio leitor, um tipo especial de interação. Tanto no texto “Chá” como em “Cheio/vazio” são fundamentais a participação e as escolhas do leitor entre os símbolos, as frases e as cores, para progressão do texto e sua leitura.

Em *Cheio ou vazio?*, o ponto de interrogação induz o leitor a uma escolha entre o espaço em branco ou o espaço em vermelho. A escolha das cores não nos parece aleatórias, pois estão colocadas em um outro espaço maior, em preto, que evoca o conhecimento sobre a ausência da luz, contrastando com as outras cores. A escolha poderá colocar o leitor em um espaço vazio, como uma estação de trem, porém sem os trens e sem as pessoas, dando margem à imaginação sobre o que poderia ter acontecido com as pessoas daquele ambiente que, teoricamente, deveria estar cheio. A outra opção de cor para escolha coloca o leitor diante de uma tela em que sacos de dinheiro e pastas com papéis dançam freneticamente ao som de uma canção quase incompreensível. O sentimento de contradição entre a palavra e a imagem e tudo que ela representa dará a cada leitor liberdade para diferentes interpretações, até a não contradição entre os elementos do ciberpoema.

Os poemas digitais da página Ciber&Poemas evocam o Simbolismo, comumente reconhecido como o movimento cultural e artístico do século XIX centrado nas premissas de uma nova sensibilidade e unificação do homem, buscando correspondência entre a palavra e os demais sentidos. O uso da tecnologia computacional eleva as sensações para o nível do movimento entre cores, palavras dançantes e sonoridade ululante. A esse respeito, Fernandes (2008) assevera que na ciberpoesia o movimento das imagens é o responsável pela textura dos poemas, e fazem evocar novas ideias, o que, conclui-se, ainda não era possível aos poetas do simbolismo:

A forma como a poesia digital é concebida e recebida aponta para suas particularidades de criação: a preocupação com a apresentação visual [...] e com o movimento [...]. Na poesia digital vinculada à tradição de poesia visual, a sugestão pode ser feita não somente por palavras que evoquem sentimentos, mas também pela presença dos aspectos evocados na prática: a cor, a textura, os sons e o movimento. (FERNANDES, 2008, p. 120-121).

A ilustração na literatura para a criança não se resume apenas à distração e, por isso, ela é tão importante e deve ser um complemento ao texto verbal, porém capaz de trazer identificação e influenciar a imaginação. O contato com a imagem pode ser capaz de promover o desenvolvimento psicológico de um leitor em formação. Para Coelho (2000), na infância, o cérebro ainda é carente de experiências e tem repertório linguístico e imaginário limitado para que seja capaz de decodificar a linguagem escrita. Diante disso, a imagem contém em si o valor de estimular o olhar, treinar a atenção visual, facilitando a comunicação que concretiza relações abstratas por meio delas. Para autora, há ainda uma relação de importância entre a presença de imagens na literatura infantil e juvenil e o estilo de vida desenvolvido a partir da modernidade e consolidada na pós-modernidade:

Todos nós, crianças ou adultos, vivemos 'comandados' pela avalanche de imagens desordenadas, fragmentadas (as mais das vezes, sem sentido) que os poderosos meios de comunicação metem pelos nossos olhos adentro. E com tal velocidade que impedem sua real compreensão e absorção. (COELHO, 2000, p. 197).

Portanto, uma educação literária do olhar, por meio da mediação do professor ou alguém próximo a esse leitor em formação, faz-se necessária. Dessa forma, os textos digitais, como os ciberpoemas aqui apresentados, podem auxiliar nessa tarefa.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Todos os temas acerca da criação, autoria e leitura de ciberpoemas até aqui abordados em menor ou maior profundidade, de acordo com os objetivos propostos nesse artigo, foram levantados por acreditar-se que a leitura de poemas digitais na atualidade é um ponto chave do letramento literário, corroborando com Rojo e Moura (2012), que creditam esse trabalho às escolas.

Compreendemos que a obra digital de Sérgio Capparelli e Ana Gruszynski, *Ciber&Poemas*, não apenas pela qualidade e representatividade histórica do autor em relação à literatura para crianças e jovens, porém muito pela qualidade estética que apresenta em seus ciberpoemas, compõe um objeto interessante e precioso para as análises acerca da leitura de poesia virtual. Seja pelas evocações intertextuais dos poemas digitais, a que se refere Hayles (2009), ou pela ideia de semiologia, apresentada em Rezende (2009), e que eles estabelecem, a expansão da poesia virtual é algo concreto no cotidiano de milhares de pessoas no Brasil e fora dele.

Essa poesia de que tratamos até aqui conjuga conhecimentos e necessidade de ser compreendida de forma prática e usual entre o público a que se destina. Certamente, todos os temas de que abordamos aqui e que permeiam a nossa questão central, a leitura de ciberpoemas por crianças, não se esgotam nessas poucas páginas, pois o campo é ainda mais vasto e diz respeito a outras esferas do conhecimento para se consolidar de forma mais definitiva, se isso for possível. O que não se deve é ignorar a existência da literatura digital, mesmo porque os leitores da atual geração continuam dando cada vez mais espaço aos ambientes virtuais de leitura. Interessante ressaltar que os poemas presentes no site de Capparelli são acessíveis aos computadores desktop como nos dispositivos móveis, portanto, disponível como material literário na formação de leitores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Aline Muniz. O poema infantil em livros didáticos do ensino fundamental nas últimas três décadas. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.
- ANTONIO, J. Luiz. Tecno-arte-poesia no Brasil. O Eixo e a Roda. 20(2), p.109-129, 2011.
- AZEVEDO, Wilton. Escrita em expansão: A não Diacronia da Poesia Digital. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). Ciberespaço: mistificação e paranoia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.97-105.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CAPPARELLI, Sérgio. Sérgio Capparelli. Disponível em: <http://capparelli.com.br/>. Acesso em: 25 maio 2016.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil. Curitiba: Editora Crv, 2014.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- COUTINHO, Andréa M. M. A. Literatura, Ciência e Tecnologia. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). Ciberespaço: mistificação e paranoia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.184-194.
- FERNANDES, Alessandra Navarro. Faces da Poesia no Meio Digital: Experimentação Estética e Influências Simbolistas. In: CORRÊA, Almir Aquino. (Org.). Ciberespaço: mistificação e paranoia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.118-127.
- HAYLES, N. Katherin. Literatura Eletrônica - Novos horizontes para o literário. São Paulo: Global Editora, 2009.
- HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In:_____ et al. Intertextualidades. Coimbra: Almedina, 1979.
- KOCH, Ingedore Villaça. Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.
- LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- MARINHO, Marildes. Ler e navegar: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte: Mercado das Letras, 2009.
- MOCCI, Márcia Hávila. Encontros e desencontros na poesia: A trajetória de pai e filho em Duelo do Batman contra a MTV, de Sérgio Capparelli. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.
- PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro. Contraponto, 2005.
- PRIMO, Alex. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- RETTENMAIER, Miguel. Cibercultura e Literatura: um Mundo por Fazer?. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). Ciberespaço: Mistificação e paranoia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.71-85.
- REZENDE, Lucinea Aparecida de. Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas. Londrina: EDUEL, 2009.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SALES, Cristiano. Coisas Digitais: a Literatura da (In)Utilidades. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). Ciberespaço: Mistificação e paranoia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.86-94.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Para compreender a ciberliteratura. *Texto Digital*. 8(2). 2012a.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

SANTAELLA, Lucia. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2014.

TORRES, Rui. Poesia Experimental e Ciberliteratura: por uma literatura marginalizada. *Poesia Experimental Portuguesa: Cadernos e Catálogos*, v. 1, p.116-127, 2010. CD-ROM.

UIT: 3,7 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à Internet no mundo. Disponível em: <https://bityli.com/RzMt9>. Acesso em: 25 jan. 2017.

Artigo recebido em: 10 Abr. 2020. | Artigo aprovado em: 11 Jun. 2020.

[i] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Estudos de Linguagem e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Metodologia da Ação Docente pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada em Letras Português e espanhol (UEL). Acadêmica do curso de Pedagogia em regime de segunda graduação do Centro Universitário Dombosco - UNIDOMBOSCO. Atua como professora de ensino médio e fundamental nas disciplinas de Espanhol e Língua Portuguesa (QPM - PR), como professora tutora no ensino superior (UNICURITIBA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7391-7790>

E-mail: renata.gomes.uni@gmail.com

[ii] Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Realizou estágio Pós-Doutoral na Universidade de Coimbra com auxílio Capes. Possui doutorado em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestrado em Letras - Literatura e Ensino - pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), especialização em Letras - Literatura Brasileira - e graduação em Letras Anglo Portuguesas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É líder do Grupo de Pesquisa Literatura Infantil e Juvenil: Análise Literária e Formação do Leitor e participa também como membro do GT Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (ANPOLL) e do GP Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura (PUC-Rio).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3046-7317>

E-mail: profa.aamatsuda@gmail.com